

CONVERSAR COM ORION*

Carlo Ginzburg**

University of California – Los Angeles

O catálogo é este
(Leporello)

1. “Por mero acaso, isto é, pela norma que preside a busca do desconhecido”: há muito tempo atrás, estas palavras de Carlo Dionisotti pareceram, a Adriano Prosperi e a quem escreve, próprias para introduzir, ao fim de um trabalho conduzido em conjunto sobre um texto religioso do século XVI, algumas considerações sobre o entrelaçamento entre o acaso e os pressupostos (ideológicos ou de outro gênero) na pesquisa histórica.¹

Orion (pronunciado à inglesa, Oraion) é o nome do programa em que se baseia o catálogo *on line* da Research Library da University of California em Los Angeles (UCLA). Por extensão, Orion – hoje substituído por uma versão que pretende ser mais adiantada, o Orion 2 – terminou por designar o próprio catálogo. De informática, na realidade, sou um verdadeiro analfabeto. O uso do Orion do qual falarei baseia-se em uns poucos comandos elementares, talvez usados de maneira imprópria. Digo “talvez”, porque tenho a impressão que os catálogos de uma biblioteca (e os catálogos eletrônicos não são exceção) vêm sendo pensados, desde sempre, para permitir àqueles que os usam encontrar aquilo que procuram.² Eu também os uso assim. Mas os utilizo do mesmo modo, muito freqüentemente, com um propósito diverso, se não oposto: encontrar aquilo que não estou de fato procurando, e mesmo aquilo de cuja existência nem mesmo suspeito.

Trata-se de uma idéia bastante óbvia. Se o acaso, como nos recorda com autoridade Dionisotti, é a norma que preside a busca do desconhecido, parece evidente que o pesquisador deva esforçar-se por multiplicar os acasos, procedendo às cegas. Ignoro quantos estudiosos passam uma parte considerável do seu tempo vagando ao acaso nos catálogos, eletrônicos ou de papel, das bibliotecas. Mas, uma vez que faço parte deste grupo, pequeno ou grande que seja, tentarei explicar as implicações e as possíveis vantagens deste modo de proceder.

* Este artigo foi publicado anteriormente em italiano, sob o título: *Conversare con Orion*, “Quaderni Storici”, 108, a. XXXVI (3), dicembre 2001, pp. 905-913. Tradução: Henrique Espada Lima.

** Estas páginas devem muito a uma conversação com Krzysztof Pomian e às objeções que me fizeram Simona Cerutti, Gianna Pomata e Maria Luisa Catoni.

2. Começo por tornar explícito um pressuposto tácito porque, mais uma vez, óbvio. Na pesquisa, a casualidade absoluta não existe, porque nenhuma pesquisa parte do zero. O acaso tem limites, ligados antes de tudo a um trabalho de seleção feito antes, por outros. Quem recorre a um repertório qualquer – vocabulário, lista telefônica ou catálogo de manuscritos de uma biblioteca – já sabe com certeza o tipo de coisas que não poderá encontrar. Mas estes limites preliminares podem ser circunscritos ainda mais. Darei dois exemplos, tirados da minha própria experiência. No início dos anos sessenta, conduzi uma pesquisa no fundo do Santo Ofício conservado no Arquivo de Estado de Veneza. Não era claro para mim o que eu estava procurando; sabia apenas que me interessavam os processos de feitiçaria. O inventário manuscrito do fundo veneziano do Santo Ofício, redigido no final do século XIX, me permitia identificar um número conspícuo de processos catalogados pelos arquivistas (às vezes de modo inexacto) sob legendas como “feitiçaria”, “bruxaria”, “magia”, “superstições”. Examiná-los todos teria exigido meses, talvez anos. Já que eu podia permanecer em Veneza apenas uma semana ou pouco mais do que isso, decidi consultar, a cada dia, três envelopes ao acaso (era este o número máximo de consultas permitidas, então, aos frequentadores da sala de estudos). Como já contei em outro lugar, desta pesquisa às cegas emergiram os *benandanti*, aos quais depois acabei dedicando um livro.³ Dez anos depois, no curso da pesquisa já lembrada, conduzida por Adriano Prosperi e por quem escreve, nos colocamos a compulsar os catálogos de bibliotecas que tínhamos à mão, à procura de títulos como “livro” ou “tratado”, ou ainda por nomes como Francesco, Domenico, Benedetto, muitas vezes adotados por escritores pertencentes a ordens religiosas.⁴

O que aproxima estes dois exemplos é o recurso ao acaso, orientado por conjecturas razoáveis, para fazer frente à desproporção entre uma imensa massa documental e o limitado tempo humano: *ars longa vita brevis*. Mesmo quem está disposto a examinar sistematicamente um fundo de arquivo recusará, como absurda, a idéia de examinar sistematicamente todos os livros de uma grande biblioteca – um conjunto heterogêneo por definição. Mas precisar um tema genérico de pesquisa (a feitiçaria) através de uma série de sondagens arquivísticas conduzidas ao acaso é, por si só, bastante banal. Mais interessante seria a tentativa de delimitar, através da fúria dos disparos no escuro, como no jogo de batalha naval que se brinca na infância, um objeto com contornos ainda desconhecidos: a série na qual inserir um texto religioso de grande sucesso como o *Trattato utilissimo del beneficio di Gesu Christo*.

Os catálogos *on-line* permitem outras possibilidades: entre estas, o descobrimento (*inventio*) de um tema através do acaso. Darei um exemplo tirado, desta vez, de uma pesquisa recente.

3. Há três anos, escrevi um ensaio sobre Voltaire que será publicado em breve (*Blacks, Jews and Animals: Voltaire and the Eighteenth-Century Ori-*

gins of Multiculturalism)⁵. No curso da pesquisa, tentei fazer um pequeno experimento. Escolhi uma passagem ao acaso, colocada quase no início do *Traité de métaphysique* de Voltaire. A voz que fala é a de um ser proveniente de uma estrela remotíssima, que chega à Terra:

Descendu sur ce petit amas de boue, et n'ayant pas plus de notion de l'homme que l'homme n'en a des habitants de Mars ou de Jupiter, je débarque vers les côtes de l'Océan, dans les pays de la Cafrerie, et d'abord je me mets à chercher un homme. Je vois des singes, des éléphants, des nègres, qui semblent tous avoir quelque lueur d'une raison imparfaite.⁶

Para Voltaire e para os seus leitores, cada palavra desta passagem se inseria em uma rede de referências e de associações que nos é conhecida apenas imperfeitamente. Talvez – eu pensava – o catálogo *on-line* da biblioteca da UCLA poderia me ajudar a identificar, ao menos pela via conjectural, algum elemento menos conhecido desta rede. Decidi circunscrever a pesquisa partindo de um nome próprio, mais precisamente do nome próprio menos banal entre aqueles recorrentes na passagem: Cafrerie. Uma vez que o tema do meu ensaio era a tolerância, e portanto também a atitude de Voltaire com relação à escravidão, qualquer um poderia objetar que apostando sobre um nome de país africano eu jogava com dados parcialmente viciados. Eu admito isso, mesmo que – como se verá – o experimento tenha me conduzido a uma direção inesperada. Pedi a Orion “fnt Cafrerie” e “fkw Cafrerie”, isto é: procure quais livros no catálogo da UCLA apresentem a palavra “Cafrerie”, seja no título seja como nome do autor (as siglas significam “find name and title” e “find keywords”).⁷ Em ambos os casos a resposta foi: nenhum. Tentei novamente com a palavra “Cafres”. Sobre a tela apareceram 13 resultados. O mais antigo do ponto de vista cronológico era Jean-Pierre Purry. *Mémoire sur le Pais des Cafres, et la Terre des Nuyts, par rapport à l'utilité que la Compagnie des Indes Orientales en pourroit retirer pour son Commerce*, Amsterdam 1718. O título me deixou curioso, o autor me era completamente desconhecido. Procurei o livro entre as estantes: tratava-se de uma fotocópia da edição original, encadernada com outro texto, também uma fotocópia, do mesmo autor, intitulado *Second Mémoire sur le Pais des Cafres, et la Terre de Nuyts*, Amsterdam 1718. Folheando as páginas do livro, pensei que o autor, sem dúvida um partidário da expansão colonial europeia, e quase certamente um protestante, teria sido um teste ideal para a tese de Max Weber sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo. Desde o aparecimento do título da primeira *Mémoire* sobre a tela do Orion teriam se passado no máximo dez minutos. Retornei a Voltaire. A possibilidade de que Voltaire tivesse lido Purry havia me passado pela mente. Não via a hora de colocar-me a trabalhar sobre Purry. A pesquisa sobre ele andou

adiante: um primeiro relato sobre ela surgiu a pouco, nos anais de um congresso sobre a globalização acontecido em Istambul.⁸ Estou trabalhando em uma versão mais ampla, que espero se torne um breve livro.

4. O procedimento ou, melhor, os procedimentos. Havia-me proposto delimitar, através de sondagens, o contexto intelectual dividido por Voltaire e por seus leitores, e me havia subitamente colocado a procurar algo muito diferente. Retrospectivamente, esta mudança de perspectiva me parece inevitável. Os escritos e o epistolário de Voltaire ocupam estantes inteiras; da sua biografia, das suas leituras, da maior parte dos seus correspondentes sabemos muitíssimo. Ao invés de perder tempo – ainda que poucos minutos – vagando às cegas no catálogo, teria feito melhor em prosseguir o trabalho sobre aquela imensa massa documental. Se, por outro lado, me propusesse demonstrar a eficácia das sondagens ao acaso, deveria ter me voltado para personagens menos (e possivelmente pouco) conhecidos. Orion me havia oferecido de imediato a possibilidade de fazer uma tentativa nesta direção. Ou teria sido eu que a havia procurado? Eu me havia posto a perseguir o título de um livro por mim desconhecido de um autor por mim desconhecido: um dado de fato (*Tatsache*) do qual se poderiam inferir alguns fatos por verificar, a começar do primeiro e mais óbvio – a existência do livro correspondente. A leitura das *Mémoires* de Purry havia feito emergir outros elementos, também por verificar. É certo, qualquer investigação histórica procede mais ou menos deste modo. Mas a idéia de provocar deliberadamente a fase, que pode ser mesmo brevíssima, entre o emergir do acaso e a formulação das primeiras hipóteses de pesquisa, é menos evidente.

O contexto compartilhado por Voltaire e seus leitores, que me propunha a sondar sistematicamente, era (me faz notar Simona Cerutti, referindo-se à terminologia do lingüista americano Pike) um contexto *emic*: isto é, formulado na linguagem dos atores, não naquela externa de quem conduz a pesquisa. Aquilo que me havia levado a concentrar-me sobre um dos títulos que apareceram sobre a tela (as *Mémoires* de Purry) havia sido, por outro lado, o ensaio sobre a ética protestante de Max Weber: um pressuposto ligado à pesquisa e, portanto, a um contexto *etic*. Neste diálogo entre perspectiva *emic* e perspectiva *etic* vejo uma confirmação da fecundidade da distinção traçada por Pike. Esta pretende tornar-nos conscientes da distinção entre os dois níveis, muitas vezes confundidos na pesquisa: e não, certamente, nos fazer escolher entre um e outro.⁹ Parafrazeando um célebre mote, seria tentado a dizer que sem o elemento *etic* a pesquisa é cega; sem o elemento *emic*, é vazia. Em outras palavras, as perguntas a serem colocadas aos documentos não surgem espontaneamente dos documentos, e menos ainda dos catálogos. É verdade, entretanto, que os catálogos *on-line* nos oferecem a possibilidade de dar espaço ao contexto *emic* fazendo emergir constelações de dados de fato não mediados (não contamina-

dos) por categorias de pesquisa pré-existentes. Em um catálogo por assunto eu seria levado a procurar temas como “escravidão”, “colonialismo”, “imperialismo”: o catálogo *on-line* me permitia evocar sobre a tela o conjunto casual dos livros possuídos pela biblioteca da UCLA que continham no título a palavra “Cafres”. Se tivesse partido de um nome comum – por exemplo “singes” ou “lueur”, para permanecer dentro da passagem de Voltaire – o conjunto teria sido ainda mais heterogêneo. O computador multiplica a possibilidades de sermos surpreendidos por um dado efetivamente imprevisto. Mas esta surpresa é intelectualmente fecunda? E por quê?

Uma resposta à primeira pergunta poderá vir apenas dos resultados concretos inspirados pela estratégia de pesquisa que estou descrevendo. Aqui procurarei responder à segunda, esclarecendo os pressupostos do recurso ao acaso. Ele considera evidente a importância decisiva das perguntas *etic* colocadas à documentação por quem conduz a pesquisa: mas procura complicar o diálogo introduzindo elementos *emic* de perturbação, constituídos por dados efetivamente inesperados, aqueles que não se procura, dos quais nem mesmo se suspeita a existência. Em suma, entre os pressupostos desta estratégia de pesquisa está em primeiro lugar o de subverter, ainda que apenas temporariamente, os pressupostos da própria pesquisa. O catálogo *on-line*, oportunamente interrogado, faz a parte do advogado do diabo. Certamente, a desorientação pode durar uma fração de segundo: em geral, os pressupostos (sobretudo os ideológicos) retomam de imediato o controle da situação. Mas à pergunta imprevista colocada pela documentação casual será preciso continuar a prestar contas.¹⁰ Também na pesquisa, como no xadrez, as aberturas são importantes, às vezes decisivas; em todo caso, influenciam longamente o curso do jogo. A responsabilidade de quem faz pesquisa começa aqui.

Os filósofos antigos nos ensinaram que o encantamento, a surpresa, geram o conhecimento. As reelaborações modernas deste tema sublinharam a importância do estranhamento, do olhar opaco sobre a realidade que pode ajudar a alcançar um conhecimento menos superficial.¹¹ O recurso deliberado ao acaso como motor da pesquisa pode ser comparado às *frottages* de Max Ernst: imagens que partem de um conjunto mais ou menos casual de objetos naturais. A poética da pesquisa que estou descrevendo é certamente inspirada indiretamente pela poética novecentista (sobretudo surrealista) do *object trouvé*. Mas, como se sabe, esta última tem raízes muito mais antigas: da imagem nascida do acaso, que está ao centro de uma famosa anedota referida por Plínio, até a passagem igualmente famosa na qual Leonardo aconselhava ao pintor tirar inspiração das manchas deixadas nos muros pela umidade.¹² A mancha no muro é comparável ao título que aparece casualmente na tela do catálogo *on-line*. Em um mundo como o nosso, que o saber não consegue mais dominar (escrevia Erich Auerbach há meio século), a pesquisa não deve partir de grandes categorias conceituais, mas sim de pontos de partida (*Ansatzpunkte*) con-

cretos, agarrados intuitivamente e em seguida aprofundados cada vez mais.¹³ Concretos, e eu acrescentarei de boa vontade: casuais. Mas na verdade não penso, naturalmente, que esta deva ser uma regra.

5. No parágrafo precedente eu havia prospectado, em uma via puramente teórica, sobre continuar o experimento sobre a passagem escolhida ao acaso de Voltaire, seguindo um outro rastro: não um nome próprio mas um nome comum, por exemplo “lueur”. Não resisti à curiosidade e consultei o catálogo *on-line* da UCLA na Internet. Sob a palavra-chave (*keyword*) “lueur” foram elencados 16 títulos. Uma vez mais, deti-me sobre o mais antigo, um opúsculo anônimo conservado nas “Special Collections” da biblioteca:

Dialogue des morts: les trois pour cent, le droit d'ainesse, et la loi d'amour: conversation infernale, sténographiée le 17 avril 1827, à la lueur des lampions.

Porque foi exatamente este título a chamar a minha atenção? Acredito ter pensado (mas enquanto já havia clicado para ver os dados tipográficos: Paris, Marchands de nouveautés, 1827, 50 pp., 11 cm.) nas ilustrações de Delacroix para o *Faust* de Goethe e para *Peau de chagrin* de Balzac, isto é, a uma outra variação francesa sobre o tema do Faust (1831). Não pensei na remissão implícita a Fontenelle e a Luciano contido no título (*Dialogue des morts*). Voltei-me, por outro lado, para fantasiar sobre aquilo que parecia ser um *pamphlet* em defesa dos privilégios dos *rentiers*, formulado jocosamente na linguagem demoníaca em moda naqueles anos. *Infernale, lampions, sténographiée*: uma bela mistura romântica sobre a qual terá colocado os olhos, quem sabe, mesmo o próprio Balzac.¹⁴ Que fique claro: não penso realmente em uma investigação limitada apenas aos títulos, empresa que se arrisca, como se viu no passado, a reinventar a roda.¹⁵ Será preciso ler o *pamphlet Dialogue des morts*, descobrindo talvez que se trata de um texto inteiramente irrelevante. Mas o catálogo *on-line* indica estradas ulteriores, eventualmente passíveis de serem percorridas. A palavra-chave “trois” me dá 4415 títulos, que decido ignorar. Restringindo a pesquisa à palavra-chave “trois pour cent” emergem 21 títulos. Entre estes, cinco – sérios e jocosos, anônimos ou não, todos aparecidos nos mesmos anos – constituem outros tantos traços que permitiriam reconstruir o contexto *emic* do *pamphlet* do qual parti (ou melhor, do qual ainda não parti).

Bonnardin, *Oraison funèbre de l'infortuné trois pour cent, mort a la fleur de son age*, 1825
Des trois pour cent de l'indemnité de la conversion des 5 pour 100, du remboursement [1825?]
 Cyprien Desmarais, *Epitre au trois pour cent*, 1825
 Nicolas-Louis-Marie-Magon La Gervaisais, *Des trois pour cent*, 1825

Armand Séguin, *De la création des trois pour cent et de l'annihilation des rachats de rentes, dans leurs rapports avec les rentiers, les indemnisés, les contribuables et l'état*, 1827

Neste ponto alguém pode objetar que o meu esforço foi leve, porém inútil. Qualquer história da Restauração teria podido esclarecer-me imediatamente sobre o contexto destes opúsculos polêmicos: a política financeira do reacionário Villèle, e em particular a lei que convertia a renda de 5 para 3 por cento, prejudicando os *rentiers* em vantagem dos *émigrés*.¹⁶ Mas partindo do contexto eu dificilmente (ou talvez nunca) teria chegado ao *Dialogue des morts* que devo ainda ler. Se algum dia o ler, o farei pensando em Balzac e na *Peau de chagrin*: partindo, portanto, de perguntas (e pressupostos) que jamais poderiam ter me levado àquele texto.

6. Nas reflexões incompletas sobre a história, contidas em um livro póstumo (*History: The Last Things Before the Last*, 1969), Siegfried Kracauer dedicou um capítulo a uma comparação entre o trabalho do historiador e o do fotógrafo. Kracauer não tinha nada de positivista. Para ele, a fotografia não era sinônimo de registro passivo, como quer um lugar comum preguiçosamente repetido: o fotógrafo, assim como o historiador, é “ao mesmo tempo passivo e ativo”, porque “registra e cria” ao mesmo tempo¹⁷. Realidade fotográfica e realidade histórica são, em parte, estruturadas sobre elementos amorfos, na medida em que participam do mundo semi-informe da experiência cotidiana (que Kracauer definiu, remetendo a Husserl, *Lebenswelt*). Fotógrafos e historiadores lidam com um material intrinsecamente contingente: e os eventos casuais (*random*) são a própria matéria dos instantâneos.¹⁸

A tácita identificação do instantâneo como gênero fotográfico por excelência não espanta em alguém que, como Kracauer, havia teorizado o cinema como uma forma de redenção da realidade física. As páginas que precedem, voltadas a sublinhar a importância do acaso no encontro com o material documental, podem ser lidas como um desenvolvimento da analogia entre historiador e fotógrafo proposta por Kracauer.

A perambulação do historiador através dos catálogos (eletrônicos ou em papel) não é muito diferente daquela de um fotógrafo que caminha por uma cidade pronto a captar em um instantâneo uma realidade contingente e fugidia. A palavra “click” – o clic da máquina fotográfica – foi usada por Leo Spitzer para definir a intuição do crítico que de um golpe capta o traço revelador de um texto que leu e releu cem vezes. Mas quem já observou os instantâneos de Henri Cartier-Bresson ou de Robert Capa (poderiam ser acrescentados outros nomes) sabe que por trás do disparo do obturador está memória, escolha, em uma palavra: construção. Aquilo que permite reagir fulminantemente ao acaso é o lento acúmulo da experiência. E, em cada caso, ao reconhecimento de um tema de pesquisa promissor (o instantâneo) deve necessariamente seguir o filme: para além da metáfora, a pesquisa.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ C. Dionisotti, Resoconto di una ricerca interrotta, In "Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa, Classe di Lettere e filosofia", s. II, vol. XXXVII (1968), p. 259 (cit. in C. Ginzburg, A. Prosperi, Giochi di pazienza. Un seminario sul "Beneficio di Cristo", Torino: Einaudi 1975, p. 125).

² Ver G.P. Landow, L'ipertesto. Nuove tecnologie e critica letteraria, organizado por P. Ferri, Milano: Mondadori, 1998, pp. 155 e ss., especialmente p. 161, com uma remissão a um artigo que não pude ver: G.P. Landow, P. Kahn, The Pleasures of Possibility: What is Disorientation in Hypertext, In "Journal of Computing in Higher Education", 4 (1993), pp. 57-78.

³ C. Ginzburg, Witches and Shamans, in "New Left Review", 200, July-August 1993, pp. 75-85. [Ginzburg se refere aqui a Os andarilhos do bem. Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 (nota do tradutor)].

⁴ C. Ginzburg, A. Prosperi, Giochi di pazienza, cit. pp. 124-25.

⁵ O ensaio a que Ginzburg se refere foi publicado com o título "Tolleranza e commercio. Auerbach legge Voltaire" em Quaderni Storici, 109, a. XXXVII (1), aprile 2002, pp. 259-283 [nota do tradutor].

⁶ Voltaire, Mélanges, prefácio de E. Berl, organizado por J. van den Heuvel, Paris: Gallimard, 1961, pp. 159-160. [Na tradução brasileira de Marilena de Souza Chaui (São Paulo: Abril Cultural, 1973): "Descendo sobre este montículo de lama e não tendo maiores noções a respeito do homem, como este não tem a respeito dos habitantes de Marte ou de Júpiter, desembarco às margens do oceano, no país da Cafraria, e começo a procurar um homem. Vejo macacos, elefantes e negros. Todos parecem ter algum lampejo de uma razão imperfeita" (p. 68) (nota do tradutor)].

⁷ O comando "fnt" desapareceu da versão mais recente, Orion 2.

⁸ C. Ginzburg, Küresellesmeye Yerel Bir Yaklasin: Cografya, Köleler ve Incil, in Tarih Yaziminda Yeni Yaklasimler. Kürellesesme ve yerellesme, Istanbul 2000, pp. 17-39. Agora também em inglês: Latitude, Slaves, and the Bible: An Experiment in Microhistory, «Critical Inquiry», 31 (Spring 2005), pp. 665-83.

⁹ Cf. Saccheggi rituali: Premesse a una ricerca in corso, seminário bolonhês coordenado por C. Ginzburg, in "Quaderni Storici", 65 (1987), pp. 615-36, especialmente pp. 629-630. [Publicado em português na coletânea: A micro-história e outros ensaios, Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1991 (nota do tradutor)].

¹⁰ Sobre este ponto, remeto a Ginzburg, Prosperi, Giochi di pazienza, cit., pp. 178-183, mesmo se hoje – em parte em reação ao maneirismo foucaultista – eu seria forçado a dar maior relevo às possíveis conseqüências de um atrito entre pressupostos e dados empíricos.

¹¹ C. Ginzburg, Occhiacci di legno, Milano: Feltrinelli, 1998, pp. 15-39. [Edição brasileira: Olhos de Madeira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 (nota do tradutor)].

¹² E.H. Gombrich, Art and Illusion, London 1960, pp. 154-69 (The Image). [Edição brasileira: Arte e ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995 (nota do tradutor)].

¹³ E. Auerbach, Philology and Weltliteratur, in "The Centennial Review", 13 (1969), pp. 1-17 (Philologie der Weltliteratur, in Weltliteratur. Festgabe für Fritz Strich, org. por W. Henzen, W. Muschg, E. Staiger, Bern: Francke, 1952, pp. 39-50).

¹⁴ C. Ginzburg, No Island is an Island, New York: The Italian Academy, 2000, pp. 73-75.

¹⁵ AA. VV. Livre et société dans la France du XVIII e siècle, Paris-'s Gravenhage: Mouton, 1965.

¹⁶ Ver, por exemplo, J. Fourcasslé, Villèle, Paris: A. Fayard, 1954, pp. 311-19.

¹⁷ S. Kracauer, History: The Last Things Before the Last, New York: Oxford University Press, 1969, p.47 (trad.it. Prima delle cose ultime, Casale Monferrato: Marietti, 1985, p. 38).

¹⁸ Ibid., p. 58 (trad. it. p. 47).